

**EXPLANA E COMPARTILHA- uma análise sobre processos de intimidação sistemática e produção de notícias falsas entre alunos (as) no espaço escolar.**

Lucas Ribeiro Da Silva<sup>1</sup>  
Gabriela Rodrigues de Oliveira<sup>2</sup>  
Nalayne Mendonça Pinto<sup>3</sup>

**Resumo**

O presente trabalho tem como objetivo apresentar situações de intimidação sistemática em meio virtual ocorridas entre jovens no ambiente escolar. Essas formas de violências e assédios são comumente apontados em documentos internacionais e na legislação nacional como cyberbullying, e, na atualidade tornou-se um fenômeno cada vez mais comum entre adolescentes e jovens; contudo, encobrem violências que devem ser denominadas em suas características como racismo, machismo, LGBTQIA+fobia, discriminação de classe, entre outros. O texto apresenta resultados parciais da pesquisa em curso na UFRRJ e utiliza como metodologia entrevistas realizadas com discentes de escolas públicas e notícias de jornais. Pelo exposto, considera-se a importância da orientação dos jovens para desenvolver a cidadania digital através de uma educação reflexiva e respeitosa, estimulando a participação ativa dos alunos nas discussões e intervenções institucionais, na produção de prevenção, orientação e mediação dos conflitos.

**PALAVRAS CHAVES: Conflito, Internet, Explana, Cyberbullying, Escola.**

**Abstract**

The present work aims to present situations of systematic intimidation in the virtual environment that occur among young individuals in the school setting. These forms of violence and harassment are commonly referred to in international documents and national legislation as cyberbullying, and nowadays, it has become an increasingly common phenomenon among teenagers and young people. However, they conceal forms of violence that should be identified based on their characteristics, such as racism, sexism, LGBTQIA+phobia, class discrimination, among others. The text presents partial results of an ongoing research at UFRRJ and utilizes interviews conducted with students from public schools, as well as news articles. Given the aforementioned, the importance of guiding young individuals towards developing digital citizenship through reflective and respectful education is considered crucial. This involves encouraging active participation of students in discussions and institutional interventions, as well as in the creation of preventive measures, guidance, and conflict mediation.

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Sociais - Licenciatura Ou Bacharelado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

<sup>2</sup> Graduando em Ciências Sociais - Licenciatura Ou Bacharelado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

<sup>3</sup> Doutorado em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil(2006). Professor Associado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro , Brasil

**KEYWORDS: Conflict, Internet, Exposed, Cyberbullying, School.**

### **Introdução**

O presente trabalho tem como objetivo analisar os processos de intimidação sistemática<sup>4</sup> que ocorrem no ambiente escolar e sua relação com a produção de conteúdo na internet, especialmente em plataformas digitais. A ideia é compreender como o meio digital influencia as interações sociais dos jovens, tanto online quanto offline. O termo "explanação" é utilizado pelos criadores das páginas e grupos da internet, sendo utilizado para a divulgação de informações sobre pessoas e situações com diferentes objetivos; todavia, na maioria dos casos a "explanação" é depreciativa e/ou produtora de notícias falsas. São situações que resultam em denúncias e recriminações, principalmente devido à amplitude e o alcance das redes sociais, que transcendem os limites dos espaços de socialização não digitais.

Cabe explicar que este trabalho compõe resultados parciais da pesquisa em curso na UFRRJ que tem como objetivo compreender os processos de construção das sociabilidades juvenis, conflitos e violências em escolas públicas na Baixada Fluminense. Nesse sentido, a proposta é analisar as estratégias coletivas de interação social, socialização (SIMMEL, 1983), disputas conflitivas e administração de conflitos que estão sendo vivenciadas nas escolas de ensino médio na qual estamos realizando a pesquisa.

A metodologia para construção deste texto consiste na pesquisa em jornais de casos que relatam processos acusatórios de "explana" via aplicativos e entrevistas qualitativas - realizadas com jovens de ensino médio das escolas pesquisadas e jovens universitários. Ressaltamos que os perfis de "explana" apareceram recentemente em nossas pesquisas, todavia percebemos que esses perfis e suas "revelações" são produtores e grande interesse e repercussão entre os jovens das escolas e, portanto, tornou-se objeto de interesse da pesquisa.

### **A Internet e a socialização através dos signos.**

O acesso à informação e notícias entre os jovens nos dias de hoje passa pela internet e uso de redes sociais; eles fazem uso contínuo dos celulares e participam de

---

<sup>4</sup> Optamos por utilizar o termo tal como definido na Lei 13.185/2015 que Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying).

inúmeros grupos de WhatsApp; desse modo, parte significativa da sociabilidade juvenil perpassa pela interação mediada pelo uso desses aplicativos e da sociedade em rede (Castells, 1996). Observa-se também que essa maior circulação de notícias, conversas via internet se torna um meio de intensificar as intimidações sistemáticas no espaço escolar.

As “fofocas” e intimidações sistemáticas também possuem diversas nuances e significados; precisam ser compreendidas e identificadas com seus múltiplos significados. Isto porquê o que comumente é denominado de bullying tende a servir como um guarda-chuva que encobre as formas específicas de violências e preconceitos como o racismo, gordofobia, LGBTQIA+fobia, machismo, discriminação de classe e local de moradia e tantas outras formas de violência e conflitos que ocorrem no espaço escolar (Pinto e Pinheiro, 2021).

A partir também do debate que envolve o uso da internet, é preciso entender que a linguagem utilizada tem variações de acordo com as gerações, de forma que a linguagem pode servir de diferentes metáforas para informar conflitos. Desse modo, os jovens, sejam nos espaços offline ou online, irão usar as linguagens, símbolos, metáforas e diversas formas comunicativas que refletem concretudes da vida social que os permeiam. Como por exemplo, as abreviaturas de palavras que usam ao se comunicarem não necessariamente respeitam as regras gramaticais, todavia são usuais quando teclam e conversam nos chats (por ex: vc -você, tbm- também, mn - mano, slk – você é louco, k7-cacete, pqp -puta que pariu, arr -arrombado).

Como evidenciado por Sueli Silva (2016) ao pensar tecnologias e o ensino médio:

“As escolas se deparam cotidianamente com desafios de dialogar com os jovens cada vez mais conectados e integrados às tecnologias digitais. Os jovens são os “nativos digitais”, enquanto que muitos professores ainda são “imigrantes digitais” (PRENSKY, 2001, pg. 1), o que de algum modo dificulta essa aproximação. Os jovens de hoje, anunciam outras formas de construir relações com o mundo e conseqüentemente com os seus pares, seus professores, com a escola e com o objeto de conhecimento.” (SILVA, 2016, pg.2)

A comunicação é constituinte no processo de formação e socialização desde o nosso nascimento e se dá de forma plural, isso significa que há toda forma de troca de informações e símbolos pautadas por lógicas culturais identificadas e reconhecidas entre os indivíduos que integram grupos na sociedade. Logo, as formas de comunicação não devem ser vistas como rígidas e de significado único, pois as mesmas possuem múltiplos

significados e sentidos de acordo com a realidade que as mesmas refletem. Assim como os indivíduos e grupos da sociedade que são atravessados por toda uma estrutura social que delimitam até certo limite as possibilidades das ações sociais, a comunicação também é atravessada por essas nuances e servem como um microcosmos da própria realidade social. Desse modo, a vida social é formada por símbolos que têm seus significados atrelados ao contexto sociocultural, assim esses símbolos são plurissignificativos.

Entretanto, se faz necessário questionar como essa produção linguística e simbólica se dá através do ambiente virtual e quanto isso impacta na performance social, uma vez que os discursos na internet não necessariamente possuem veracidade, como podemos constatar pelo processo conhecido como disseminação de *Fake News*. Esse conteúdo publicado ganha nuances interpretativas diversas, pois seu consumo não se dá unicamente por um grupo, mas sim, por diversos grupos sociais que possuem variadas construções de discursos e, portanto, atrelam diferentes valores e sentidos para o conteúdo produzido.

Quando analisamos esse tema relacionado ao universo juvenil a pesquisa ganha novos contornos, na medida que o uso das tecnologias e mídias sociais pelos adolescentes e jovens tem se tornado bastante constante. Percebemos como entre os jovens as sociabilidades, interações e construções identitárias são perpassadas pelas redes sociais e constitutivas nas novas formas de produção da vida social. Nesses espaços os jovens podem não apenas dialogar, mas também produzir conteúdo diversos. As novas formas de tecnologia e comunicação geram uma relação alternativa de consumo em relação aos meios tradicionais de comunicação, como TV, rádio e jornais. Pois, as mídias digitais tem um caráter do consumidor ativo, onde é possível participar na própria produção do trabalho de geração de informação e entretenimento; particularmente em ascensão com o público infanto-juvenil.

Segundo dados do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação em 2022, 93% dos jovens brasileiros na faixa etária dos 9 aos 17 anos utilizavam a internet. Deste percentual, 78% estão cadastrados em redes sociais; tornando a internet um campo importante de pesquisa (Texeira, 2022). A sociabilidade virtual conduz novos processos formativos de trocas, construção de gostos, acesso à múltiplos conhecimentos, mas também produção de conteúdo, imagens, memes, discursos e significados. Tudo isso compartilhado para ser consumido rapidamente e garantir engajamento e likes. Nesse sentido, uma vez que esse espaço sociovirtual existe

e possui características de formação dos sujeitos - as trocas, interações e os conflitos e violências também serão observados. Juliano Ferreira e Maria Cristina Gobbi (2014) fazem uma análise sobre esses aspectos em que as tecnologias fornecem novos meios de consumo:

“Se em outro momento, a academia, as escolas e a própria mídia era responsável por legitimar a alta-cultura, em um ambiente de consagração, hoje assistimos ao advento do que Jameson (2006) e Featherstone (1995) tratam como pós-modernismo. São quebradas barreiras conservadoras e as classes médias são aproximadas tanto da instância de produção quanto na de crítica e difusão (que até então eram função do jornalismo especializado tradicional). Prova disso é que o jovem digital pode produzir conteúdo e ser reconhecido por um determinado nicho, sem, necessariamente, passar pelas etapas antigas de consagração” (FERREIRA, GOBBI. 2014, pg.135)

Logo, ao pensar sobre essas produções e interações é importante levar em conta que seus impactos não estão apenas nesses meios online, mas também em espaços sociais como a escola. O processo de explanação não tem o intuito de informar, mas produzir fofocas e valor moral à uma ação, modo de ser e atributos – um insulto moral (Oliveira, 2002). Ganha uma relação de status atribuído ou adquirido, que se relaciona com o lugar que a pessoa ocupa na estrutura social; se caracteriza pela classificação das pessoas e na alternância entre o que pode ser configurado como puro ou profano, popular ou impopular, aceito ou negado.

De tal forma, que essa dinâmica permite a mudança do que é entendido, uma vez que a coesão ou conflito é relacional, o que pode ser entendido como violento para um grupo, para o outro pode ter outras características. A explanação na internet como comunicação pode criar símbolos em que o conflito se torna meio de adquirir status novos - de acordo com o impacto e adesão do conteúdo por meio de *likes*, compartilhamentos e visualizações. Criando então um tipo ideal de performance para conquista ou perdas desses status, desenvolvendo uma espécie de moralidade e relações específicas com as linguagens e performances produzidas de acordo com cada ambiente.

### **@explana e compartilha**

É importante pensar nas dimensões dos conflitos escolares e diferenciar as formas que eles ocorrem. Bernard Charlot (2002) ao pensar sobre e violência escolar, analisa as instâncias múltiplas que permeiam a vida escolar e também discute as situações de

“Intrusões Externas”, como conflitos em bairros que vão parar dentro das escolas, desse modo: “Há aí uma outra fonte de angústia social: a escola não se apresenta mais como um lugar protegido, até mesmo sagrado, mas como um espaço aberto as agressões vindas de fora” (Charlot, 2002, pg.433). Portanto, é necessário pensar na escola como um espaço no qual a socialização não está circunscrita aos seus limites físicos, mas sim, constituída como espaço de extensão e desdobramentos de uma socialização entre outros contextos sociais.

Nesse sentido, observamos que na atualidade as redes sociais constituem-se em espaços de interação, trocas e proliferação rápida de informação entre os jovens. Por isso também se converte em espaços de acusação, “zoeira” e explanação a fim de “causar” polêmica entre os colegas da escola ou mesmo difamar aquele/a que “não vai com a cara”.

Nosso grupo de pesquisa vem realizando entrevistas com discentes de escolas da rede pública de um município da Baixada Fluminense e objetivamos compreender como adolescentes e jovens do ensino médio narram os conflitos e violências em espaços escolares, contudo, perguntamos também a eles sobre o uso das redes sociais para intimidação sistemática, o chamado pela Lei 13.185/2015 de *cyberbullying*. Segundo a lei:

Art. 2º Há intimidação sistemática na rede mundial de computadores (*cyberbullying*), quando se usarem os instrumentos que lhe são próprios para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial.

Art. 3º A intimidação sistemática (*bullying*) pode ser classificada, conforme as ações praticadas, como:

- I - verbal: insultar, xingar e apelidar pejorativamente;
- II - moral: difamar, caluniar, disseminar rumores;
- III - sexual: assediar, induzir e/ou abusar;
- IV - social: ignorar, isolar e excluir;
- V - psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar;
- VI - físico: socar, chutar, bater;
- VII - material: furtar, roubar, destruir pertences de outrem;
- VIII - virtual: depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social.

A explanação de situações e acusações na internet relacionadas ao universo escolar tem se tornado mais constante entre os jovens do ensino médio, assim como, para a perseguição sistemática nos ambientes não virtuais. Tais fatores ganharam ainda mais força durante e após a pandemia, em que os jovens utilizaram a internet tanto na forma

de entretenimento como também uma ferramenta de ensino, assim ficando mais expostos e dependentes da internet como meio de socialização, especialmente para o cenário escolar. De modo que as formas de violências ficaram mais ativas nas redes sociais. Assim, vejamos alguns relatos de alunas:

Já teve isso, que eles chamam de... Acho que *exposed* de grupos, assim, a gente faz no Instagram. Já teve aqui, só que ninguém deu muita bola não. Não, o pessoal até que não deu muita bola não. Aí viram que não ia pra frente, cancelaram a conta. (Aluna A de 18 anos)

Que eu saiba não precisou chamar o conselho tutelar. Mas tem brigas que vão para o twitter, a escola pediu para todos os alunos apagarem os vídeos do celular, e confiar que todos fossem apagar” (Aluna B, 17 anos)

Teve sim. Por causa do explana, uma menina parou no explana que é uma página de fofoca. Ai a menina de outra escola veio falar comigo me mandando retirar como se eu fosse o dono dessa conta de fofoca e tal, aí eu falei que não tinha nada a ver com isso, ela disse que iria chamar miliciano para me matar. Eu disse pra ela que não era eu, fui à escola dela pra tentar conversar, mas acabou que ela não estudava mais lá e nunca mais a vi. (Aluna C, 17 anos)

Normalmente a escola não faz nada, dá um sermão e deixa por isso mesmo. Tipo, o pessoal da secretaria e os adultos esquecem, mas continuam revivendo aquilo, ressuscitando a história. (Aluna C, 17 anos).

O fato foi obtido através de um relato de uma aluna da UFRRJ que sabendo da nossa pesquisa desejou contar o caso que ela havia vivenciado na escola que ela frequentou - escola católica de Nova Iguaçu, cidade também pertencente à Baixada Fluminense.

“Eu me formei em uma escola católica bem conhecida em Nova Iguaçu não só por ser “tradicional”, mas por fama de coisas extremas que acontecem. Quando entrei para essa escola no 7º ano do fundamental II no ano de 2017, a média de idade era de 11 anos entre os alunos. Um belo dia criaram um perfil no Instagram chamado TV\*\*\*\* (\* é o nome da escola) onde colocavam as fofocas da escola, e uma amiga tinha enviado nudes dos seios para um menino que ela ficava e ele enviou para esse perfil que vazou as fotos dela.

De início como só tinha a informação de que a pessoa era do sétimo ano, e ela e outra amiga tinham corpos parecidos começaram a dizer que era essa amiga dela, porém como isso estava envolvendo a coordenação e estava tomando uma grande proporção ela assumiu para a mãe e para todos de que o nudes era dela. Consequentemente acabou levando uma surra dos pais e na coordenação chamaram as freiras que moram no colégio para orar ela, e por conta dos seios serem grandes e consequentemente a aréola também era, e a apelidaram de "ovo frito",

e a chamaram assim até o ano letivo acabar, esse caso teve uma proporção tão grande por que ela era a menina popular da escola, principalmente no final de tudo ninguém queria ficar perto dela. No ano seguinte ela trocou de escola e foi estudar em Queimados, ela entrou em depressão profunda e um ano depois largou a escola.” (Estudante da UFRRJ de 3º período)

Os casos de exposição nas redes sociais visam produzir humilhação, “revelação” de algo sobre a vida de alguém, casos amorosos secretos, imagens de nudez postadas de forma íntima, ou seja, são muitas as motivações que produzem a exposição. Todavia, para todas elas o impacto socioemocional é significativo. Importa considerar a rápida repercussão dos casos; em questão de horas as imagens e os prints da tela do celular são compartilhados e, mesmo que por determinação da escola, da família ou judicial as imagens ou relatos sejam retirados das redes sociais, alguma pessoa já “deu print” e compartilhou. Não há controle das informações postadas, ela ganha o mundo e pode tornar-se uma sentença para a vítima.

Grande parte dos relatos que obtivemos e observação das redes sociais indicam que muitos casos se relacionam às situações sexualizadas, como “fulana deu para sicrana” “beltrana foi vista fazendo sexo no banheiro”, vídeos de relações sexuais, nudes de partes íntimas, entre outras. Situações que indicam a necessidade de uma discussão ampliada sobre gênero e sexualidade nas escolas, tema esse interrompido desde 2016 no debate público por causa do discurso conservador que se expandiu na sociedade brasileira após o golpe da Presidenta Dilma e o Governo Bolsonaro.

O assim denominado *cyberbullying* tem se intensificado devido ao avanço das tecnologias de comunicação, como as redes sociais. Essas plataformas proporcionam anonimato e facilidade de disseminação de conteúdo, o que acaba incentivando comportamentos agressivos e prejudiciais. De acordo com a reportagem do jornal O Tempo, o *bullying* digital (termo apontado por eles) afeta principalmente os jovens, que estão mais expostos às tecnologias e passam grande parte do tempo *online*.

Além de mais conhecido, o bullying é também o comportamento mais preocupante. Entre os pais, 81% expressam o receio de que seus filhos sofram bullying ou cyberbullying., para 75% dos entrevistados, não pode ser considerada uma “brincadeira” qualquer atitude que discrimina, humilha ou ridiculariza alguém. (...) “A cor e raça e a orientação sexual se destacam entre as motivações para esse tipo de assédio moral e o ambiente é escolar citado como principal local de ocorrência de bullying”( O Tempo, 2022)



Destacamos ainda uma reportagem do Jornal Extra que relata uma situação de “explana”:

Uma nova modalidade de cyberbullying fez deflagrar grave crise de depressão em X., de 16 anos, no mês passado. Um perfil “explana”, no Instagram, seguido por alunos de uma escola pública no Anil, em Jacarepaguá, onde a adolescente cursa o 9º ano, postou que ela teria traído o namorado e publicado vídeos íntimos na internet. A garota, que havia acabado de terminar um relacionamento, se desesperou e precisou de ajuda médica. A direção do colégio tentou, mas não conseguiu descobrir quem administra o perfil, nem tampouco quem foi o autor da ofensa. Apenas identificou que o IP (endereço de protocolo na internet) é da região de Rio das Pedras” (SCHIMDT, Jornal Extra, 2022).

O “Explana” são perfis feitos por alunos, mas que ultrapassam o limite do ambiente escolar, impactando não só a pessoa, mas também a sua família e a comunidade escolar; o relato acima é apenas um dos diversos que existem, e está acontecendo nas escolas do Rio de Janeiro e do país. Essas redes de comunicação giram em torno de uma necessidade de engajamento e compartilhamento dessas “explanações”. Isabela Rangel Petrosillo (2016) realizou uma pesquisa sobre situações de vazamento de nudes em escolas, analisando como essas redes se alimentam a partir de uma dinâmica de exposição da vida pessoal, sentimentos e relatos que indicam alguma forma de conflito, ao analisar perfis no *Facebook* ela acrescenta:

“A partir da análise de imagens e textos que os estudantes expõem no Facebook percebo a contradição entre suas performances offline e online. Durante o convívio com os jovens e a observação do Facebook dos mesmos, pude notar o processo de retração daquilo que, comumente, se percebe como da ordem do público. O que abre caminho para esse movimento é o protagonismo da vida privada, que ocupa, então, posição central nesse modelo de arranjo social. Não há pudor em relatar sentimentos, pelo contrário, há uma demanda de engajamento ao fazer isso.” (PETROSILLO, 2016, pg.38)

A busca por tal engajamento se interliga até mesmo com postagens falsas ou partindo apenas de boatos, “A circulação de boatos inicia-se, na maioria das vezes, sem que haja provas concretas se realmente alguma coisa “desviante” aconteceu. No caso dos “nudes”, em geral, há a promoção da fofoca antes mesmo que a imagem seja “explanada” (Petrosillo, 2016, pg.50). E como observado no relato feito pela aluna da UFRRJ, as consequências para esses vazamentos e explanações, sendo reais ou não, são agravadas pela falta de medidas de mediação, orientação e aconselhamento para lidar com esses casos por parte das instituições que lidam com crianças, adolescente e jovens.

### ***Cyberbullying* como nomeação do fenômeno**

Os estudos e publicações na atualidade que pesquisam as situações de assédios, intimidações e violências produzidas de forma virtual denominam o fenômeno como *cyberbullying*. O uso da palavra bullying em inglês se popularizou em decorrência do Massacre de Columbine (EUA) onde um atirador entrou na escola e matou e feriu muitos estudantes em 1999. Documentos de organismos internacionais também utilizam o termo para discutir assédio e violência em escolas.

Relatório da UNESCO sobre violência escolar analisa o assédio virtual como:

O cyberbullying inclui ser vítima de bullying através de mensagens, ou seja, alguém que envia mensagens instantâneas, correio eletrônico e mensagens de texto maldosas ou que cria um sítio Web que zomba com um aluno, ou através de fotografias, ou seja, alguém que tira e posta fotografias pouco lisonjeiras ou inadequadas de um aluno sem autorização; refere-se igualmente a ser tratado de forma ofensiva ou desagradável através do uso de celulares (mensagens de texto, chamadas, vídeos) ou na internet (correio eletrônico, mensagens instantâneas, redes sociais, salas de conversação). (UNESCO, 2019, pg 14)

Segundo a legislação brasileira, como já citado acima, existe o cyberbullying quando a intimidação sistemática é realizada na rede mundial de computadores; “quando são usados os instrumentos que lhe são próprios para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial” (Lei 13.185/2015).

A popularização do uso de celulares entre adolescentes e jovens e a maior facilidade de acesso à internet com a redução dos custos para uso das redes sociais produziu uma significativa ampliação dos casos de intimidação e assédio de modo virtual.

No mesmo relatório da Unesco afirma-se que o *cyberbullying* é um problema crescente no mundo atualmente. Na pesquisa realizada em sete países europeus e apresentada no mesmo relatório a percentagem de crianças com idades compreendidas entre os 11 e os 16 anos que utilizam a Internet e que relataram ter sido vítimas de cyberbullying aumentou de 7% em 2010 para 12% em 2014 (Mascheroni e Cuman, 2014 apud Unesco, 2019 pg. 24). No Brasil, pesquisa realizada ressaltou essa ampliação entre

crianças e adolescentes, conforme um estudo realizado com 1534 estudantes do Ensino Fundamental de escolas públicas de diferentes cidades do país; a pesquisa apontou que 37% dos participantes já haviam se envolvido em situações de violência virtual. Dentre essas, o envio de mensagens ofensivas através de celular e internet foi a que mais predominou seguido por “fingir ser a pessoa”, ameaças, publicação de vídeos em que ridiculariza o outro e que contém xingamentos (Stelko- Pereira et al., 2018).

Esses casos estão sendo estudados em diferentes países, de acordo com Torres et al. (2022) no contexto de violência em que se vive no México, onde jovens enfrentam todo tipo de violências o bullying e cyberbullying ganham cada vez mais espaço entre os problemas vivenciados pelos jovens e adolescentes sendo, portanto, um fenômeno importante a ser investigado.

Dados do Relatório Unesco (2019) sugerem que os alunos mais velhos podem estar mais expostos ao cyberbullying do que os alunos mais novos. “No caso do ciberassédio através de mensagens, as estimativas de prevalência variaram pouco entre os alunos de 11 e 15 anos”, todavia se mostraram mais elevadas entre os alunos com mais idade – maiores de 15 anos (pg. 27). Nas considerações gerais da pesquisa observou-se que as crianças que são consideradas “diferentes” correm maior risco de serem vítimas de bullying e cyberbullying. “Entre os fatores que mais influenciam incluem inconformidade com as normas de gênero, aparência física, raça, nacionalidade ou cor da pele” (2019, pg. 25).

Nesse tipo de violência e intimidação destaca-se o caráter permanente e contínuo das agressões virtuais uma vez que o conteúdo das ofensas pode ser assistido, compartilhado ou arquivado por qualquer outra pessoa, em qualquer período de tempo. Além disso, essas formas de agressão podem ser mais intensas, posto que, os envolvidos nessa dinâmica podem utilizar perfis e contas falsas para praticarem o ato (Azevedo et al 2012; Flôres et al 2022). O ciberespaço é entendido por muitos como um ambiente livre, liberado, onde ninguém será descoberto e que pode ser, portanto, desinibidor das atitudes de violência e assédio. Os agressores se sentem protegidos pelo seu anonimato e desconhecem as reações das vítimas; estar ocultos os protege da reprovação social direta e das consequências do sofrimento da vítima (Tristão et al. 2022; Caetano et al. 2016).

Os processos de intimidação sistemática impactam negativamente na saúde física, mental e na qualidade de vida dos estudantes envolvidos em sua dinâmica. Encontramos relatos que envolvem depressão, tristeza, fobia social, ansiedade e baixa autoestima

como efeitos das violências sofridas. De acordo com pesquisas citadas por Tristão algumas das consequências para as vítimas de bullying são:

“o risco aumentado para desenvolvimento de transtornos emocionais como ansiedade e depressão, ideação suicida e sintomas psicossomáticos expressos, por exemplo, por dores de cabeça, dores de estômago e problemas de sono (Wolke & Lereya, 2015). São identificados também: baixa autoestima, automutilação, solidão, consumo de tabaco, álcool e outras drogas (Malta et al., 2019) (...). Nota-se que as consequências do envolvimento direto ou indireto no bullying podem persistir por toda a vida, direcionando a forma como estes alunos correspondem às relações sociais (Sampaio et al., 2015). (Apud Tristão 2022, pg. 1049)

Um estudo Português sobre Emoções no *cyberbullying* indicou que as vítimas tendem a sentir, com mais frequência, emoções como a tristeza, a vontade de vingança e o medo, enquanto os agressores tendem a sentir satisfação, indiferença, alívio e prazer. Em relação a idade não se percebeu diferenças nas experiências emocionais. Já em relação ao sexo, observaram algumas diferenças, “nomeadamente na maior incidência de emoções como a tristeza, o medo, a insegurança e a vontade de vingança nas vítimas do sexo masculino. No papel de agressoras, as jovens dizem experienciar mais sentimento de insegurança, alívio, confusão e desorientação do que os jovens” (Caetano et al. 2016. Pg.208).

Com relação às escolas, a pesquisa percebeu diferenças significativas associadas à impotência e falta de apoio experimentadas pelos jovens no papel de vítimas, e o modo como o fenômeno é experienciado emocionalmente pelos agressores, nomeadamente emoções de arrependimento e sentimento de culpa, “o que nos leva a questionar o papel das culturas locais”. Desse modo, conclui-se que os resultados indicam diferenças na forma com que as escolas lidam com as situações de *cyberbullying*, e na construção do “ethos escolar na sua dimensão moral, em que o aprender a viver juntos e com os outros se faz importante”; - com ênfase nas escolas onde observa-se o acolhimento e proteção às vítimas e arrependimento e responsabilização dos agressores (Caetano et al, 2016 pg. 208).

### **E a escola o que faz?**

A partir das narrativas anteriormente mencionadas, é possível identificar a presença de uma diversidade de conflitos na instituição escolar, abrangendo diferentes atores e situações de divergência. Esses conflitos englobam desde abusos de autoridade

nas relações hierárquicas entre os funcionários da instituição, disputas de opiniões e acusações entre estudantes e entre estudantes e professores. A falta de mediação por parte da coordenação, gestores e os órgãos responsáveis, resulta em diferentes formas de conflitos dentro da própria instituição, como evidenciado nos relatos. Além disso, medidas inadequadas ou insuficientes para solucionar esses problemas, contribuem para a persistência dos mesmos. Portanto, é fundamental não apenas reconhecer a existência desses conflitos, mas também compreender profundamente suas origens e buscar meios adequados de mediação.

Mesmo sendo utilizado cotidianamente ainda existe uma falta de compreensão por parte dos alunos sobre o funcionamento desses perfis de exposição pública na internet. Diante desse fenômeno em ascensão, é fundamental, além da compreensão dessa nova sociabilidade digital juvenil, a produção de uma orientação sobre os usos responsáveis da internet e redes sociais, uma vez que ele afeta a sociabilidade tanto dentro quanto fora do ambiente escolar. Desse modo, a escola não deve negligenciar tais perfis de exposição pública e tratá-los como um problema separado da instituição, uma vez que não se pode controlar a extensão do impacto ou a reação das vítimas.

Podemos também compreender que muitas dessas situações de conflitos que ocorrem nas escolas, de um certo modo, acaba por produzir violências e crimes que demandam ações judiciais por danos morais, para aqueles que foram prejudicados, já que muitas das vezes a escola não se responsabiliza e também não ocorre as medidas judiciais necessárias. O sentimento de injustiça institucionalizada refere-se às estruturas e práticas sociais que perpetuam desigualdades e violações de direitos de forma sistemática. No contexto escolar, a injustiça institucionalizada pode se manifestar de diversas maneiras na ausência de medidas efetivas para combater o bullying e a violência entre estudantes – como por exemplo discriminação racial, de gênero ou de orientação sexual, entre outros aspectos.

Ao reconhecermos a existência da injustiça institucionalizada, abrimos espaço para a reflexão e ações que visam a transformação dessas estruturas. No texto “Injustiça, conflito e violência: um estudo de caso em escola pública de Recife” Alice Botler (2016), pensa sobre uma concepção de justiça racional que não se relaciona com a realidade escolar, isto porque, ao pensar que os indivíduos buscam no âmbito pessoal produzir as justizas acabam por desconsiderar que no geral suas condições estão permeadas por injustiças e falta de estrutura para tal, nesse sentido o esforço individual não consegue

superar as concretudes gerais que promovem ou estabelecem uma série de injustiças e conflitos.

“Essa lógica, no entanto, é dissonante da realidade experimentada no cotidiano de alunos e professores das escolas, as quais se defrontam com o desafio de materializar práticas sociais democráticas em seu interior, mas são reiteradamente alvo de todo tipo de desigualdade e injustiça social” (BOTLER, 2016, p.719)

Botler também parte de Nancy Fraser, uma importante filósofa política e teórica crítica, que destaca a necessidade de superar a injustiça institucionalizada para alcançar uma realidade baseada em virtudes sociais e individuais, para então pensar sobre os aspectos de justiça e injustiça. Assim, no âmbito escolar o mesmo se daria; produzindo a necessidade de questionar o quanto as controvérsias e conflitos escolares passam por uma ordem normativa que na realidade se transcreve em injustiças. Levando-os a uma reflexão coletiva sobre quais os sentidos de justiça e injustiças sentidos e vivenciados pelos alunos/as? Então: “As pessoas teriam, assim, seu referencial moral e normativo pautado em sua experiência real. As concepções de justiça, nesses termos, são relacionadas às injustiças vividas” (Botler, 2016, p.719)

A reportagem do jornal O Extra menciona o termo "Só eu que me dei mal" para ilustrar a situação em que a vítima de violência ou conflito na escola acaba não recebendo a justiça que merece. Esse termo sugere que a pessoa agredida ou prejudicada é deixada de lado, sem receber o apoio necessário para lidar com a situação, o que acaba também levantando uma perspectiva de culpabilização do sujeito, ao invés do entendimento desse problema de forma coletiva.

“Os administradores não são identificados nunca. Fazem isso o tempo todo, parece que se viciaram. A web é uma grande praça pública. E o que fazem é linchamento moderno em praça pública. Expõem a reputação de adolescentes o tempo todo — alerta Z., pai de uma adolescente que já sofreu cyberbullying no passado e tio de uma aluna de um colégio da Zona Sul que foi insultada num “explana”.” (SCHIMIDT, Jornal O extra, 2022)

Nesse sentido, observamos pelas entrevistas realizadas com alunos e alunas a dificuldade da gestão escolar em identificar esses conflitos, violências e intimidações sistemáticas que estão ocorrendo entre os discentes no ambiente virtual e a pouca capacidade de reação/ mediação e administração dessas situações.

Kant de Lima (1996, 2000) em suas pesquisas analisa nossa estrutura judiciária em perspectiva comparada; pautando tratamento aos e entre indivíduos no sistema de

justiça e no espaço público - em comparação com outras tradições jurídicas; assim, discute no Brasil os processos de compartimentalização e constituição de várias justiças, todas incapazes de universalizarem-se, porque funcionam legítima e oficialmente com distintos princípios. Seus trabalhos analisam a convivência paradoxal de dois modelos de ordem pública e social no Brasil; as hierarquias excludentes e hierarquias inclusivas. No modelo de hierarquias includentes tem-se uma sociedade individualista e igualitária, semelhante a um paralelepípedo. A sociedade se imagina como constituída de elementos substancialmente diferentes, mas formalmente iguais e, portanto, opostos, móveis e intercambiáveis em inúmeras combinações possíveis: os chamados indivíduos. De outro lado, nas hierarquias excludentes, a sociedade compara-se a uma pirâmide, ela é feita de segmentos diferentes e desiguais, mas fixos e complementares. As posições são naturais e inevitavelmente desiguais, e para a estrutura ser mantida depende da manutenção de tal desigualdade, da mesma relação de elementos diferentes e desiguais.

Pensando os processos de administração de conflitos nesses dois modelos aponta que nas sociedades mais igualitárias os conflitos são representados como resultado de choques entre pontos de vistas diferentes de indivíduos iguais, ao contrário de sociedades menos igualitárias e com maiores desigualdades onde os conflitos resultam de pessoas diferentes e partes desiguais. Desse modo, a administração de conflitos nessas sociedades serão sobremodo diferentes, pois se, em hierarquias includentes a ênfase estará na construção de uma verdade consensuada entre iguais e a administração dos conflitos busca a anulação das desigualdades e construção de explicitação, mediação e negociação dos conflitos. Por outro lado, nas hierarquias excludentes busca-se não resolver, mas extinguir os conflitos; a ênfase na “verdade real” descoberta e arbitrada pelo julgador abafa o conflito e restaura a obrigatoriedade da ordem, finalmente tem-se “a administração do conflito pela compensação das desigualdades e a reafirmação da mesma ordem para administrá-la” (Kant de Lima 2000, pg. 118)

Mas como nos serve essas reflexões para pensar as escolas e seus processos de administração de conflitos? Temos no Brasil uma sociedade marcada por inúmeras desigualdades: de classe, cor, gênero, etária, etc. Nesse sentido, temos que pensar a escola constituída por essas desigualdades e pelas dificuldades de se produzir um espaço público que seja entre iguais e constituído por iguais. Observa-se que quando a gestão escolar busca mediação dos conflitos não o fazem respeitando as falas e capacidades dos jovens, a sociedade adultocêntrica não reconhece os saberes e experiências juvenis e, portanto,

não permitem que suas falas sejam reconhecidas, ainda que sejam para serem mediadores dos próprios conflitos. Observamos na pesquisa muitos relatos que indicam: - a escola “fazendo vista grossa” para essas questões, - produzindo alguma forma de punição e exclusão dos alunos, ou – “abafando” as situações e encaminhando-as para a esfera privada da família.; todavia são muito raros os casos onde ocorreu um diálogo amplo e aberto sobre as situações de intimidações e violências ocorridas nas escolas.

Por conseguinte, concluímos que explanar não significa explicitar esses conflitos e violências que perpassam o ambiente escolar e tampouco não representa produzir espaços públicos de diálogos, exposição e negociação das diferenças. Ao contrário, observamos o uso das redes sociais para explanar as divergências de modo mais pungente, ampliada e produzindo danos ainda maiores.

### **Considerações Finais**

Ao estudarmos sobre essas páginas de explanação na internet, observamos que elas buscam engajamento e divulgação, uma produção de conteúdo que possa gerar comentários e compartilhamentos, levando essas exposições a novos graus de alcance em relação a uma exposição feita pessoalmente. Logo, ao gerar conflitos, elas também se alimentam deles. Além de gerarem engajamento e serem indicativos de "sucesso" na produção de *exposeds* esses comentários também funcionam como reflexo da estrutura social e das formas como lidamos com os conflitos, especialmente no ambiente escolar. É preciso que as escolas e seus atores entendam como esses processos dialógicos entre os alunos e as redes sociais afetam a vida escolar e produzem novos conflitos na sociabilidade juvenil. São situações em muitos casos de violência moral, psicológica, mediadas pelos operadores das redes de comunicação e espetacularização para atender às demandas de consumo da sociedade midiática.

É necessário buscar o entendimento de todas as situações que geram conflitos e perseguições sistemáticas no espaço escolar, para também haver as garantias dos direitos humanos dentro desse espaço. No contexto do conflito escolar, os direitos humanos fornecem um conjunto de princípios e normas que visam proteger a integridade física e psicológica dos estudantes, garantindo um ambiente seguro e propício ao aprendizado. Isso inclui a prevenção de violências e intimidações sistemáticas, e a promoção de uma cultura de respeito, empatia e inclusão.



Concordamos com o trabalho de Caetano et al. onde indica algumas necessidades que devem ser percebidas como relevantes nas escolas com o desenvolvimento de competências (entre alunos e alunos e professores) relacionadas: “à empatia e compreensão das emoções dos outros; a compreensão das suas próprias emoções e motivações; (..) a gestão das suas próprias emoções; (..) a resolução de conflitos; o respeito às diferenças; o fazer amigos, ter liderança e proatividade para lidar com e desencorajar o cyberbullying; a autoestima; o respeito; a responsabilidade (2016, pg. 2009).

De igual modo desenvolver a cidadania digital através de uma educação reflexiva e respeitosa capacitando-os para a utilização das tecnologias de forma consciente e crítica. Somado à produção da cultura escolar colaborativa, mediadora e de corresponsabilidade, em que todos sintam que são parte da solução e que os seus atos têm consequências. Desse modo, estimular a participação ativa dos alunos nas discussões e intervenções institucionais, na produção de prevenção, orientação e mediação dos conflitos.

Por fim, destacamos a necessidade de a escola atuar como um espaço de orientação sobre os resultados danosos dos processos acusatórios e difamatórios nas redes sociais, assim como formas adequadas de resolução de conflitos. Importa construir na escola um espaço plural, onde os jovens aprendam a conviver com a diversidade - um espaço de tolerância e diálogo. O ressentimento dos alunos com a falta de participação da escola na prevenção e resolução dos conflitos leva-nos a pensar na necessidade dessas temáticas serem inseridas na formação do professor e nas políticas públicas de educação. Fomentando, dessa forma, espaços de pluralidade, facilitação de diálogos, mediação de conflitos e cultura de paz.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA**

BOTLER, Alice. Injustiça, conflito e violência: um estudo de caso em escola pública de Recife. **Tema em destaque** • Cad. Pesqui. 46 (161) • Jul-Sep 2016.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CAETANO Ana Paula; FREIRE Isabel; V SIMÃO Ana Margarida; MARTINS Maria José D; PESSOA, Maria Teresa. Emoções no cyberbullying: um estudo com adolescentes portugueses. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 199-212, jan./mar. 2016.4

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 4, n. 8, p. 432-443, 2002.

ESTEVÃO, Carlos Alberto Vilar. Educação, justiça e direitos humanos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 85-101, jan./abr. 2006.

FERREIRA, Juliano. GOBBI, Maria: Geração Digital: uma reflexão sobre as relações da "juventude digital" e os campos da comunicação e da cultura, **Revista GEMnIS**, v.2, n.1 p.129-145. 2014.

FLÔRES, Fabrine Niederauer; VISENTINI, Danielle Machado; FARAJ, Suane Pastoriza; SIQUEIRA, Aline Cardoso. Cyberbullying no contexto escolar: a percepção dos professores. **Psicologia Escolar e Educacional**. 2022, v. 26

INDIO, Cristina. Acesso de Estudantes à Internet Aumenta 88,1%, diz IBGE. **Agência Brasil**. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2021-04/acesso-deestudantes-internet-aumenta-para-881-em-2019-diz-ibge> acesso em: 01/01/2023.

KANT de LIMA, Roberto. A administração dos conflitos no Brasil: a lógica da punição. In: **Cidadania e Violência**. Gilberto Velho e Marcos Alvito (organizadores). Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1996.

KANT de LIMA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: o dilema brasileiro do espaço público. In: **O Brasil não é para principiantes. Carnavais malandros e Heróis 20 anos depois**. Laura G. Gomes, Lívia Barbosa e José Augusto Drummond (organizadores). Rio de Janeiro: Editora FGV. 2000.

OLIVEIRA, Luís R. Cardoso de. **Direito legal e insulto moral: dilemas da cidadania no Brasil, Quebec e EUA** / Imprensa: Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.

PINTO, Nalayne Mendonça e PINHEIRO, Pedro Gabriel. Conflitos e Violências no espaço escolar: limites e possibilidades na administração de conflitos. In: **Administração de conflitos e Cidadania: problemas e perspectivas V**. Org. Maria Stella Amorim et al. Rio de Janeiro: Autografia, 2021.

RABELLO, Lucia. A infância e seus destinos no contemporâneo. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v.8, n.11 p.47-58. junho 2002.

RANGEL, Isabel. **ESSE NU TEM ENDEREÇO** O caráter humilhante da nudez e da sexualidade feminina em duas escolas públicas. Orientador: Jair de Souza Ramos. 2017, 134f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de Antropologia, 2016.

SALVA, Sueli. **Juventude, Tecnologias Digitais e Ensino Médio: uma interlocução necessária**. Curitiba: UFPR, 2016.

SCHIMDT, Selma. “Explana”, o novo bullying digital: perfis com ofensas viraram febre entre adolescentes do Rio. **Jornal O Extra**, 2022. URL. Acesso em: 01 jul. 2023.

SIMMEL, George. **George Simmel** Sociologia. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983.

STELKO-PEREIRA, A. C.; BRITO, R. M. de S.; BATISTA, D. G.; GONDIN, R. de S.; BEZERRA, V. M. Violência virtual entre alunos do ensino fundamental de diferentes estados do Brasil. **Psicologia da Educação**, (46), 21-30. 2018.

TEMPO, O. Maioria dos brasileiros vê aumento de bullying e cancelamento digital. **O Tempo**, 2022. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/maioria-dos-brasileiros-ve-aumento-de-bullying-e-cancelamento-digital-1.2690100>. Acesso em: 01 jul. 2023.

TEXEIRA, Joseane. Pesquisa aponta que 93% dos jovens brasileiros na faixa etária dos 9 aos 17 anos utilizam a internet. **Diário da Região**. Disponível em: <https://www.diariodaregiao.com.br/cidades/riopreto/pesquisa-aponta-que-93-dos-jovens-brasileiros-na-faixa-etaria-dos-9-aos-17-anos-utilizam-a-internet-1.1004793>. Acesso em: 20/05/2023.

TORRES, Gloria. ACHARYA, Arun Kumar. Adolescentes vítimas de bullying y cyberbullying en el Área Metropolitana de Monterrey (AMM). **Revista Dialogos sobre educacion**. año 13 | número 24 | enero-junio 2022

TRISTÃO, Laura Aparecida. SILVA, Marta Angelica Iossi. OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de. SANTOS, Daniel dos. SILVA, Jorge Luiz da. Bullying e cyberbullying: intervenções realizadas no contexto escolar **Revista de Psicologia**, Vol. 40(2), 2022, pp. 1047-1073.

UNESCO. **Behind the numbers: ending school violence and bullying**. Published in 2019 by the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000366483>